AURORA OBREIRA
REVISTA Nº 39
ANO 3 - 2014
JUNHO
EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!
A

EDITORIAL

Nessa edição reunimos textos importantes para o conhecimento das pessoas jovens militantes e um maior com materiais históricos, arquivos de lutas e memórias de resistência.

Esses materiais trazem discursos e experiências que complementará as atuais ações em torno do processo de emancipação de nossa gente.

O texto sobre a somaterapia é muito importante pelo recentes ataques psicológicos a nossas pessoas militantes. O assédio moral e as violências psiquicas empregadas pela repressão ao povo e as mais ousadas ações de nossa gente devem ser neutralizadas e combatidas. Lutar por liberdade e igualdade não é crime e nunca foi!

O estudo de George Gurvicth sobre Proudhon é muito importante. Não só Proudhon é muito versátil e um dos mais destacados pensadores/agitadores do século XIX, como apresenta pontos de pensamentos revolucionário originais muito antes até do que o marxismo tenha rascunhado.

Barricada Libertária, iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido, sem religião, sem Estado.

AURORA OBREIRA

Número 39 - Junho 2014. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária
Colaboração: Fenikso Nigra, Ovelha Negra, Boletim Operário, Artista Anarquista, Danças das Idéias
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 15

Contatos:
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net, barriliber@riseup.net
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net aŭ fenikso@anarkio.net

http://anarkio.net

Votamos nulo

Por Politica

De outro jeito!

Organização Autonoma

Sem Partidos, sem Patrões,

Sem Estado!

Os participantes da soma

Soma - Uma terapia anarquista vol 2 - A arma é o corpo

Roberto Freire

Quando a Soma surgiu, especialmente na ocasião em que comecei a divulga-la no meio universitário brasileiro, ocorreu evidente concorrência do meu trabalho com o das outras terapias, porque é sempre o mesmo contigente humano e social que procura terapia não-tradicional. São, na maioria, jovens de classe média, estudantes, bancários, comerciários, profissionais liberais recém-formados, artistas em geral e no início de suas carreiras, bem como jornalistas, professores e intelectuais mal-assalariados.

Raros foram os primeiros participantes dos grupos de Soma que já não tivessem experimentado outras formas alternativas de terapia, no fim da década de setenta e começo da de oitenta. O restante das pessoas disponíveis no mercado psicoterapêutico eram pessoas de melhor poder aquisitivo que, com raras exceções, utilizavam-se da Psicanálise.

Mas isso não impediu que, nos primeiros anos, alguns

executivos e senhoras ricas também frequentassem a Soma, assim como acontecia com militantes do Partido Comunista e membros do clero católico. Entretanto, todos, sem exceção, abandonavam o trabalho pela metade ou, mesmo se o terminavam, dele não tiravam proveito algum, alé dos poucos beneficios bionergéticos. Ouvi esta frase, dita com grande tirsteza, por um industrial jovem que participou de um grupo de Soma, quando o abandonava no meio da terapia: “Ah, seu pudesse ser e viver como vocês!” A Soma não tem poder algum de mudar a opção politica das pessoas, sobretudo quando ancoradas e justificadas pelo fator econômico.

Com o passar dos anos, entretanto, mais devido aos fracassos que pelos eventuais sucessos terapeuticos, a Soma deixou de participar da concorrência no mercado terapêutico brasileiro. O perfil das pessoas que podem beneficiar-se da Soma foi-se definindo aos poucos também. Hoje trabalhamos, na grande maioria dos casos, com pessoas que não se beneficiaram e não vão se beneficiar nunca com os outros tipos de terapia existentes no mercado terapêutico brasileiro.

Estava surgindo, então, um novo tipo de pessoas interessadas em terapia, mas tratava-se de um tipo tão diverso das demais que nos sentimos obrigados, inclusive, a não usar mais o termo cliente para designá-las. Passamos a chamar as pessoas que trabalham em Soma de membros ou participantes do grupo. Assim como acabou o que se designa por cliente, teve fim também a finalidade clínica em nossa terapia. Vamos explicar melhor isso, e então ficará mais fácil traçar o perfil dos frequentadores da Soma.

Partimos do princípio reichiniamo e antipsiquiátrico de que a neurose e a psicose, qualquer alteração da vida emocional e psicológica das pessoas, são produzidas de fora para dentro, ou seja, da família e da sociedade sobre a pessoa, especialmente de como esta reage e responde à intervenção heterorreguladora sobre sua capacidade autogestiva natural. Assim, concluímos estar limitando o nosso trabalho na Soma a reforçar as defesas orgânicas e políticas das pessoas, para que enfrentem melhor essa intervenção externa indevida a sua autonomia biológica e social. A Soma exerceria, portanto, mais um trabalho pedagógico e profilático do que

propriamente clínico e terapêutico.

Passamos para os médicos que exercem Antipsiquiatria as pessoas que de alguma forma estejam ligadas à Soma e perderam a capacidade de lutar por sua autonomia, bem como apresentam os sintomas habituais de distúrbios mentais. Esses antipsiquiatras com os quais nos associamos para o atendimento dessas pessoas o fazem de modo clínico desarmado (sem internação, sem violência, sem convulsoterapia, sem impregnação) em atendimento ambulatorial ou em comunidades terapêuticas (estas, as verdadeiramente antipsiquiatricas, são muito raras ainda no Brasil).

Vamos agora ao perfil do frequentador da Soma: são, na maioria jovens conscientes da origem externa (família, cultura e sociedade) do que está inibindo ou bloqueando os naturais potenciais de luta por sua autonomia, independência, liberdade afetiva e criativa. Certamente, devido a esses bloqueios originados na infância e que perduram até o momento que procuram terapia, eles já apresentam alguns dos sintomas neuróticos clássicos em maior ou menor intensidade, porém ainda sem gravidade, com angústia, a ansiedade, a depressão e o medo, frequentemente acompanhados de dificuldade na vida social, afetiva e sexual.

Devido à divulgação atual da Soma, talvez ainda por terem encontrado em meus livros a explicação e comprovação científica do que já intuíam e compreendiam empiricamente, esses jovens nos procuram de certo modo preparados para trabalharem em nossa metodologia terapêutica, aceitando e desenvolvendo sua intenção mais profilática e pedagógica do que clínica e terapêutica.

Além disso, existe uma regra infalível que descobri durante esses anos de terapia: só apresenta sintomas neróticos que lutou por sua autonomia, por sua natureza, por sua independência, sobretudo pela necessidade biológica de amar e criar em liberdade. Portanto todo neurótico, se ainda não perdeu a consciência do pragmatismo social, é um subversivo, um dissidente, um revolucionário em relação à família, à cultura e à sociedade autoritária nas quais ele foi formado. Isso lhe permite perceber com clareza e rapidez o conteúdo e origem política de sua neurose, ou

seja, sente e entende na carne o conflito de poder entre sua natureza original, espontânea e o autoritarismo de Estado vivido através da relação familiar e afetiva, nas quais o amor está sendo usado como instrumento de chantagem e de dominação.

O frequentador da Soma é uma pessoa que sabe serem seus problemas derivados diretamente da organização familiar burguesa e da utilização do amor pela burguesia como instrumento de poder. Assim, ele necessita de uma sociologia antitautoritária em todos os níveis da vida pessoal e social e, pesquisando e estudando, descobre só existir essa possibilidade e essa força no anarquismo (socialismo libertário), o único antídoto real e eficiente no combate ao autoritarismo da família e da sociedade burguesas.

Mas o frequentador comum da Soma, se já não era completamente, logo se torna um realista, ou seja, ele sabe que pode, com esse trabalho e com sua ideologia libertária, defender-se do autoritarismo familiar e social, mas não pode impede-lo de se exercer e de se expandir. Por essa razão, ao mesmo tempo que faz sua terapia libertária, procura conscietizar-se, a engajar-se e a militar em movimentos sociais e políticos que visem, de algum modo, a combater todas as formas de autoritarismo. Procura, sobretudo, divulgar e implantar em sua vida pessoal, no amor, na criação e na produção, a autogestão e os demais princípios de vida, de associação e de produção anarquistas.

Invariavelmente, ocorre na consciência desses jovens, à medida que a Soma vai produzindo seus efeitos, a compreensão de que é possível ser um libertário dentro de um regime autoritário. Descobre também que se pode viver um amor sem dominação e uso do outro, que se pode criar e manter uma família sem pátrio poder e sem chantagens afetivas sobre filhos, que podemos nos sustentar e sustentá-la em produção individual ou autogestiva associados a companheiros também libertários. É frequente conseguirmos provar, através da Soma, que uma vez desbloqueado o nosso potencial criador, se aprendemos a mobilizar e economizar energia vital, se nos revitalizamos pela vivência do amor em liberdade, se estamos preparados para lutar, enfim, nessas condições, a Soma pode revelar e liberar o anarquismo nato e visceral que há em nós,

não importando muito em que ambiente social e político estejamos vivendo.

Claro que isso só será possível se aceitarmos, entendermos e desenvolvermos a condição de marginais na sociedade autoritária, capitalista e burguesa. O desenvolvimento e a manutenção dessa marginalidade competente, criativa e produtiva constituem o último estágio terapêutico competente se revelam, por exemplo, artistas, cientistas e artesãos de todos os tipos, cuja a produção atinge tal originalidade e qualidade, que passa a ser consumida em quantidade proporcional à sua beleza e indispensabilidade.

Depois da publicação de meu livro Coiote, devido às características do personagem que dá nome ao romance e ao estilo de vida por ele implantado na comunidade anarquista que fundam em Mauá, os próprios participantes da Soma passaram a designar por coiotes as pessoas que melhor e mais se beneficiam desse tipo de terapia. Em verdade, para mim, coiotes são os jovens protomutantes, ou seja, o tipo de homem que construirá o futuro da humanidade, quando chegarem a um número suficiente, não em natureza diversa, mas em desbloqueio do que lhes é natural, pois presumo estarem todos por aí, em processo crescente de desbloqueio, tanto por terapias quanto pelo ṕroprio processo evolutivo da vida no planeta. Em resumo, os participantes de Soma são anteriores à Soma, que surgiu apenas para atender às suas necessidades de sobrevivência política e ecológica.

De qual lado vai ficar nesse jogo?

Num país onde o povo está

sem educação, sem saúde,

sem habitação, sem transporte,

sem trabalho...

Os Governos se negam atender

as demandas populares...

A COPA É PARA QUEM?

**Não há bala, nem repressão
que calará nossas vozes
nas ruas!**

**Manifestação não é crime,
é consciência por um mundo
justo !**

Danças das Idéias

Proudhon e Marx (Georges Gurvitch)

3ª Lição

Terminei a minha última lição com um citação extraída da carta de candidatura à Bolsa Suard enviada por Proudhon à Academia de Bensaçon em Maio de 1838. A passagem citada mostra, sem dúvida possível, que a sua consciência de classe, consciência de pertencer à classe proletária, e da necessidade de lhe servir de guia, estava já bem vincada nele, nessa altura. Esta impressão confirma-se quando se estuda a sua obra De la Célébration du Dimanche (1839), que apresenta como resposta a um tema de concurso proposto pela Academia de Besançon. Ele próprio imprime esta obra da qual faz uma tiragem de duzentos exemplares. A sua comunicação recebe apenas uma medalha de bronze. No entanto, em 1841, é reeditada pela Garnier e em 1850 é publicada uma tereceira edição.

Nela lemos logo na primeira edição: "Gostaria de provar a todos os monopolizadores do trabalho, exploradores do proletariado, autocratas ou feudatários da indústria, ricaços e proprietários à tripla potência, que o direito de trabalhar e de viver, devolvido a uma massa de homens que, diga-se o que se disser, não gozam dele, não seria da parte dos beneficiários uma gratificação, mas uma restituição" (nova ed. P 55). E ainda "Com seus capitais, as suas máquinas, os seus privilégios, invadem tudo e depois ficam indignados por se retirar labor aos operários; tanto quando podem não deixam nada a fazer a ninguém e clamam que o povo perde o seu tempo: cheios de glória por sua frutuosa ociosidade dizem ao companheiro (proletário) sem trabalho: Trabalha!" (p.7). "A propriedade é

último dos falsos Deuses"(p.60). A propriedade dos meios de produção é tão perigosa quando pertence a uma coletividade ou a um Estado incontrolados como quando é pertença individual ou de uma coligação de patrões. Surge portanto um problema fundamental: "Encontrar uma forma de Estado de igualdade social que não seja, nem comunidade, nem despotismo, nem desmembramento, nem bagunça, mas liberdade na ordem e independência na Unidade". E resolvido este surge um segundo "indicar o melhor modo de transição" (p.61). Através do termo "comunidade", Proudhon quer designar aquilo a que Marx viria chamar "comunismo primitivo", aludindo à comunidade primitiva de bens. Os dois autores, Proudhon era o mais velho, e Marx, alguns anos mais tarde, visavam os babeuvistas e Cabet, assim como "a seita saint-simoniana". Proudhon virá opor-lhes a "anarquia positiva", entendida no sentido particular da soberania do direito sobre qualquer poder. Marx falará do "verdadeiro" comunismo, cuja segunda fase pressupõe a dissolução do Estado. Em La Célébration du Dimanche, Proudhon não ousa proclamar-se anarquista, mas passará a fazê-lo a partir da Premier Memóire sur la Propriété.

Voltando a La Célébration du Dimanche, citemos este texto: "Nas classes altas, já não se conhece o Domingo: os dias da semana são todos iguais. Quem só se ocupa com especulações, intrigas e prazeres, não se interessa em saber às quantas anda. Os intervalos marcados para o repouso deixaram de ter significado". (p.70). Sentimos aqui a influência de Saint-Simon caracterizando os burgueses ociosos de zangãos. Mas Proudhon estende esta definição a toda a classe dos patrões, dos capitalistas, enquanto Saint-Simon a reservava aos proprietários de terras que viviam das rendas, confiando nos industriais que empregam os capitais de maneira produtiva e são empreendedores ativos.

No fim desta obra, Proudhon faz declaradamente alusão à revolução social como único meio de por fim ao capitalismo. Escreve: "A opulência e a miséria, companheiras inseparáveis, crescerão numa progressão sem fim. A grande propriedade invadirá tudo. A ignorância e o embrutecimento dos proletários atingirão o seu cumulo... Apelamos para a força. Proprietários, defendei-vos! Haverá combates e massacres"(pp.94-95).

Proudhon confia na sociologia, a que cham "ciência social" para guiar esta futura revolução, a que se refere amiúde, embora em termos velados. Escreve: "Deve existir uma ciência da sociedade (ciência) rigorosa, que não se pode inventar, mas descobrir" (p.89). É esta ciência que pode

ajudar a revolução social a alcançar o ideal social que Proudhon sugere na declaração seguinte contida em La Célébration du Dimanche: “A autoridade de alguns sobre todos não significa nada; a autoridade da maioria sobre todos não significa nada; a autoridade de todos contra um não significa nada sem a autoridade da lei.”(p.90). Nesta frase, está implicito o seu ideal libertário, fundado sobre a ideia da soberania do direito que poderia eventualmente contribuir para a realização do equilíbrio dos elementos equivalentes da sociedade futura, simultaneamente pluralista e coletivista. Podemos criticar este ideal por ser demasiado dogmático, ma não podemos negar que, para atingir, Proudhon incita a classe operária à revolução, o que se confirma desde la Célébration du Dimanche até à Memoire sur la Propriété (1840).

Ao lermos hoje a célebre obra de Proudhon: O que é a propriedade? , obra que fez correr tanta tinta, que deu que falar no mundo inteiro, que celebrizou o seu autor e que tanto agradou Karl Marx, a primeira impressão é decepcionante. As declarações preliminares deste livro são conhecidaas de todos: “Se me perguntassem: O que é a escravatura? E se eu respondesse: é um assassinato, o meu pensamento seria compreendido... Porquê então, a esta questão: O que é a propriedade? Não poderei responder: é um roubo, sem ter a certeza que sou compreendido, ebora esta segunda proposição seja apenas a primeira transformada?” (nova ed. P 132). “Penso que nem o trabalho, nem a ocupação, nem a lei podem criar a propriedade. Estou a antecipar-me na história; exponho um verdade cuja a evidência presistem em tentar esconder; escrevo o preâmbulo da nossa futura constituição.” (p.132)

Mas que método emprega Proudhon para realizar uma obra tão ambiciosa? Lemos: “Encontrareis aqui apenas uma série de experiências sobre o que é justo e de direito, uma espécie de pesos e medidas de vossa consciência.”(p.134). Não podemos deixar de sentir uma certa inquietação. Justiça, Direito, Consciência! Não estaremos perante um puro racionalismo próximo da ideologia do direito natural e, portanto, perante uma ideologia, mas interpretada de outra maneira? Bouglé tem razão em escrever: “Proudhon compraz em fazer-nos constatar que não só a consciência, mas também a razão se choca com a propriedade. Pretende, apenas pela via da razão, arrastar atrás de si os seus adversários de mãos atadas pelos seus próprios princípios” (La Sociologie de Proudhon, 1911, p.55). E de fato, Proudhon, embora condenando “os axiomas do entendimento” e o “inatismo das ideias”, assim como as “formas transcendentais” de Kant, parece crer firmemente, na Premier Mémoire,

na universalidade da razão manifesta na justiça. Escreve: “A justiça é o astro central que governa as sociedades (...). Entre os homens, nada se faz que não seja em virtude do direito, nada se faz sem invocação da justiça” (p.144).

A propriedade será justa? Nenhum homem que “acredite que a igualdade das condições é idêntica à igualdade dos direitos” deveria admiti-la: todos deveriam admitir que “propriedade e roubo são termos sinônimos” (p.135). “O que importa é que todos compreendam isto” (p.135).

Esta introdução deixa-nos perplexos. Dá a impressão de ser racionalista e idealista até o extremo. Bouglé, aliás erradamente, fala do “platonismo pitagórico” de Proudhon. Este parece raciocinar como um partidário do direito natural a priori. Parece não distinguir nem as diferentes funções exercidas pela propriedade segundo os tipos de sociedade, nem as suas diferentes formas, nem a variabilidade da sua natureza. Proudhon parece ignorar que não existe sociedade em que o problema do poder de decisão não tenha sido resolvido, pelo menos quanto à disposição dos bens apropriados individual ou coletivamente.

A inquietação e o espanto, aumentam quando lemos o capítulo II de Premier Mémoire, intitulado: De la proriété considérée comme droit naturel, de l'occupation et de la loi civile (Da propriedade considerada como direito natural, da ocupação e da lei civil) e o início do capítulo III, Le travail comme cause efficiente du domaine de la propriété (O trabalho como causa eficiente do domínio da propriedade). Proudhon coloca-se no terreno dos jurisconsultos e procura mostrar que a aquisição da propredade não se justifica, nem pelo direito inato, nem pela ocupação, nem pela lei civil, nem pelo trabalho. De fato, “Propriedade e sociedade são”, segundo ele, “coisas que repugnam invencivelmente uma à outra. (...)

A sociedade morrerá, “se não matar a propriedade” (p.164). Pois esta “é um direito exterior à sociedade”. “A propriedade é o direito que um indivíduo tem de dispor de maneira absoluta de uma matéria social” (p.164). É por isso que ela é contraditória. “Adorada por todos, não é reconhecida por ninguém: leis, costumes, hábitos, consciência pública e privada, tudo conspira para sua morte e para sua ruína”(p.160).

Contudo, Proudhon ataca com um vigor particular as teorias que invocam o trabalho como justificação da propriedade, e a sua crítica destrói-lhes as bases e põe em relevo todas as suas consequências. E de fato, se estas teorias fossem aceitáveis, deveriam conduzir à igualdade da propriedade, pois que é a força coletiva que dá ao trabalho individual o seu

valor e que, por outro lado, na ordem da justiça, o trabalho destrói a propriedade (p. 205). "O homem isolado só poderia prover uma parte mínima das suas necessidades; todo o seu poder está na sociedade e na combinação inteligente do esforço universal. A divisão e a simultaneidade do trabalho multiplicam a quantidade e a variedade dos produtos; a especialidade das funções aumenta a qualidade das coisas consumíveis" (p.239). Vemos agora que o método de Proudhon não é tão racionalista como no princípio parece e se orienta para um estudo empírico da realidade social. Ora, "este fato incontestável e incontestado da participação geral em cada produto, ao sair das mãos do produtor, é imediatamente hipotecado pela sociedade" (p.240). Retomaremos mais tarde o exame crítico a que Proudhon submete as teorias correntes sobre a propriedade, teorias que afirmam que a "ocupação" e o "trabalho" estão na base da propriedade.

Por agora devemos continuar a nossa análise do método de Proudhon na sua obra Premier Mémoire sur la Proriété. "O homem enganou-se sobre a constituição das sociedades, sobre sua natureza, sobre a aplicação do que é justo, como se enganou sobre as causas dos meteoros e sobre o movimento dos corpos celestes. As suas opiniões... não podem ser tomadas por artigo de fé" (p.187); e acrescenta: "O consentimento universal não justifica a propriedade" (p.197) Mas então, a universalidade da razão, afirmada no princípio do livro, é apenas uma concessão de Proudhon às ideias admitidas e a sua verdadeira convicção é totalmente diferente: é a relatividade de todos os quadros sociais. É que Proudhon está já seduzido pelo método dialético que concebe sobretudo como método das antinomias que não se resolvem e que, antes de procurar um equilíbrio – ponto muito contestável da sua interpretação – conduzem primeiro à experiência da relatividade da realidade social nas suas variações quase infinitas. Afinal, a universalidade da razão que invoca no início do livro revela-se como sendo sobretudo a universalidade das antinomias sociais e das ideias que delas nascem.

É neste sentido que Proudhon escreve, empregando um termo bastante ambíguo que deu lugar a equivocos: "A propriedade é impossível" (pp.242 e seguintes). E acrescenta: "A propriedade é o direito do "aubaine"1 , isto é, o poder de produzir sem trabalhar; ora produzir sem trabalhar é fazer do nada alguma coisa" (pp.245-246). Por que é a propriedade impossível? Porque ela implica pretensões quiméricas e utópicas, atribuindo ao proprietário, que não trabalha, o produto do trabalho dos explorados. Assim, após ter definido a propriedade como

direito de "aubaine", Proudhon acrescenta: "O direito de aubaine recebe nomes diferentes segundo as coisas que produzem: arrendamento para as terras; aluguel para as casas e móveis; rendas para os fundos em perpetuidade; juros para o dinheiro; benefício, ganho, lucro, (...) para o comércio (e industria)" (p.244).

Transcrevemos agora as dez proposições de Proudhon sobre a impossibilidade da propriedade:

1- "A propriedade é impossível porque de nada exige alguma coisa" (248).

2- "A propriedade é impossível, porque onde quer que seja admitida, a produção custa mais do que ela vale"(p.255)

3- "A propriedade é impossível porque sobre um capital dado, a produção é em razão do trabalho, não em razão da propriedade" (p.259)

4- "A propriedade é impossível porque é homicida"(p.262)

5- "A propriedade é impossível porque com ela a sociedade devora-se a si própria" (p.266). "A propriedade vende o produto ao trabalhador mais caro do que o paga; portanto, é impossível"(p.275)

6- "A propriedade é impossível porque a mãe da tirania"(p.285)

7- "A propriedade é impossível, porque consumindo o que recebe perde-o, poupando anula-o, capitalizando volta-o contra a produção"(p.287)

8- "A propriedade é impossível porque o seu poder de acumulação é infinito e porque só se exerce sobre qualidades finitas"

9- "A propriedade é impossível porque é impotente contra a propriedade" (p.293)

10- "A propriedade é impossível porque é a negação da igualdade" (p.296)

Uma vez ultrapassado o sentimento de confusão suscitado por formulações tão paradoxais, não é difícil discernir nestas teses dois aspectos diferentes: a) em primeiro lugar a afirmação de que toda a propriedade é essencialmente antinómica e provoca inexoravelmente outras antinomias na vida social; por outras palavras, que toda a propriedade enquanto fato social, bem como enquanto conceito, está implicada num movimento dialética. Proudhon ilustra esta tese nos seguintes termos: "A propriedade é-nos odiosa e no entanto queremo-la. A igualdade domina todo o nosso pensamento e não sabemos realiza-la". Existe portanto em torno da propriedade e da igualdade um clima de ambiguidade que Proudhon quer desvendar através da sua dialética; b) a

isto acrescenta-se a constatação sociológica, alías aliada a um juízo de valor, de que a propriedade dos meios de produção, quer seja individual, corporativa, ou pública, isto é, pertencente ao Estado, já não se integra no tipo de estrutura global característica das sociedades atuais.

Para confirmar esta cobcepção, Proudhon considera que é necessário atacar não só os partidários burgueses da propriedade individual ou corporativa, mas também os coletivismos babeuvistas, Cabet e os chefes da "Igreja" saint-simoniana: Bazard e Enfantin. Propõe-se mostrar que "a comunidade de bens", o "comunismo primitivo" como mais tarde Marx lhe chamou, não é superior à propriedade individual (p. 325). "Fato singular! - declara – A comunidade sistemática, negação refletida da propriedade, é concebida sob influência direta do preconceito da propriedade; e é a propriedade que se encontra na base de todas as teorias dos comunistas. É verdade que os membros de uma comunidade não possuem nada; mas a comunidade é proprietária, e proprietária não só dos bens, mas das pessoas e das vontades. É segundo estes princípios de propriedade soberana que em toda a comunidade o trabalho (...) se torna um imperativo humano, por isso mesmo odioso; que a vontade refletida, inconciliável com a obediência passiva, é rigorosamente prescrita (...), que a vida, o talento, todas as faculdades do homem são propriedades do Estado que tem o direito de as utilizar como quiser em favor do interesse geral; que as comunidades particulares devem ser severamente proibidas"(326). "A comunidade é opressão e servidão (...) A comunidade é essencialmente contrária ao livre exercício das nossas faculdades (...). A comunidade viola autonomia da consciência e a igualdade"(p.237). Através destes extratos, vemos claramente como Proudhon está, desde o início, penetrado de espírito dialético pois não cessa de submeter os seus vizinhos mais próximos na luta contra o capitalismo, à prova das antinomias.

Voltemos agora à crítica pertinente que Proudhon faz no Premier Mémoire ás teorias vigentes da propriedade. Ataca primeiro as teorias que colocam a ocupação na base da propriedade e constata, corretamente, que esta concepção é "anti-social" (p.164) – hoje diríamos anti-sociológica. "Segundo esta concepção, o proprietário, como um Robinson na sua ilha, afasta às coronhadas o proletário que procura agarrar-se ao rochedo da propriedade"(p.169). "Assim", continua Proudhon, "a lei (civil) não é de modo algum... a lei da natureza; criou, na verdadeira acepção da palavra, um direito ... realizou uma abstração, uma metáfora, uma ficção, e isto sem se importar sequer com a previsão do que daí adviria..." (p.182). "O

direito à ocupação é igual para todos... Dado que a medida da ocupação não reside na vontade, mas nas condições variáveis do espaço e do número, a propriedade não pode formar-se... O homem recebe o seu usufruto das mãos da sociedade que é quem possui de uma maneira permanente; o indivíduo passa, a sociedade nunca morre" (p.187). Assim, a conclusão de Proudhon é que por um lado a ocupação é um direito de força bruta e por outro, "ela impede a propriedade" (p.154). Noutros texto, acusa simultaneamente Cousin, Destutt de Tracy e Rousseau, de serem teóricos da ocupação com fundamento da propriedade (pp. 149 e seguintes).

No terceiro capítulo do Mémoire, Proudhon aborda as teorias segundo as quais o trabalho é o fundamento da propriedade. Procura estabelecer as três teses seguintes:

"1- Que o trabalho não tem por si só nenhum poder de apropriação sobre as coisas da natureza. 2- Que, mesmo reconhecendo este poder ao trabalho, somos conduzidos à igualdade de propriedade e, sejam quais forem as espécies do trabalho, à raridade do produto e à desigualdade das forças coletivas. 3- Que na ordem da justiça, o trabalho destrói a propriedade" (pp. 205 e seguintes).

Proudhon escreve: "Para transformar a possessão em propriedade, é preciso algo mais que o trabalho; de contrário o homem deixaria de ser proprietário desde que deixasse de ser trabalhador; ora o que faz a propriedade é a possessão imemorial; o trabalho é apenas o sinal sensível, o ato material, através do qual a ocupação se manifesta" (p.209). "O que trabalha", acrescenta Proudhon, "torna-se proprietário". É a tese "dos nossos economistas hipócritas" (p.212). "É preciso acrescentar", escereve Proudhon, "que quem trabalha torna-se proprietário dos seus vencimentos, do seu salário, da sua soldada; isto é, proprietário do valor que cria e de que só o patrão beneficia" (p.212).

Gostaria de sublinhar o fato de nos encontrarmos neste numa viragem extremanente importante da evolução do pensamento socialista. Proudhon, nenhum leitor de Marx poderia contestá-lo, revela-se aqui o predecessor deste quanto à famosa teoria da mais-valia que Marx deveria desenvolver em O Capital. Em breve poderemos confirmá-lo nos textos do Premier Mémoire. Mas retomemos primeiro o raciocínio de Proudhon.

"Aqui está minha proposição: o trabalhador conserva mesmo após ter recebido o salário, um direito de propriedade sobre o objeto que produziu"(p. 212). A fórmula não é clara, pois Proudhon destrói o direito

natural por um lado, e por outro mostra que o trabalhador só é proprietário da “mais-valia” que produziu (p.212). O que é interessante e até decisivo, é que Proudhon, levado pela sua polêmica contra as teorias que colocam o trabalho na base da propriedade dos meios de produção, chega a conclusões que antecipam diretamente as críticas contra o regime capitalista que Marx desenvolve com mais precisão no primeiro volume do Capital. Proudhon escreve também: “o homem isolado só pode prover a uma infima parte das suas necessidades; todo o seu poder reside na sociedade e na combinação do esforço universal. A divisão e a simultaneidade do trabalho multiplicam a quantidade e a variedade dos produtos. A especialização das funções aumenta a qualidade das coisas consumíveis. Não há um homem que não viva do produto de vários milhares de indústrias diveras; não há um trabalhador que não receba o seu consumo da sociedade inteira... De fato, quem ousaria dizer: eu produzo o que consumo, basto-me a mim próprio?” (p.239). As coisas passam-se de tal modo que cada produto é previamente hipotecado pela sociedade... A cada momento da sua vida... (o homem) levanta da sua conta-corrente mais do que pode; morre sem ter podido recompo-la” (p.240). “Concluamos: face à sociedade, o trabalhador é um devedor que morre necessariamente sem ter pago; o proprietário é um depositário infiel que nega o depósito posto à sua guarda e quer receber o dinheiro pelos dias, meses e anos que o guardou” (p.241)

Assistimos, nestes textos, ao surgimento de duas ideias capitais no pensamento de Proudhon: a)A primeira é que, nas sociedades, nos grupos, nas classes, se libertam forças coletivas, expressão que Proudhon emprega pela primeira vez no Premier Mémoire (Carta a Blanqui), 1841, quando acusa os capitalistas de “apropriação gratuita das forças coletivas”. (Cito este texto segundo a edição das Obras Completas de Proudhon, vol I, 1873, ed. A. Lacroix, p.328); b) Depois de observar que a explicação da exploração dos operários pelos capitalistas reside no fato de os patrões retribuírem apenas o produto das forças individuais de trabalho, e não o das forças coletivas, constituídas pelas primeiras.

Internacional de Ferações Anarquistas
International of Anarchist Federations

Preâmbulos

A IFA é uma organização internacional de Federações Anarquistas que está ligada, por seu pacto associativo e suas ações, aos princípios da Primeira Internacional Anarquista, que foi formada em Saint-Imier em 1872.

IFA luta por

Abolir todas as formas de autoridade, seja econômica, política, social, religiosa, cultural ou sexual. Construir uma sociedade livre, sem classes, estados ou fronteiras, com base no federalismo anarquista e na ajuda mútua.

A ação da IFA será sempre baseada, tanto no plano prático como teórico, sobre a Ação Direta, contra o parlamentarismo e o reformismo. As federações, aderentes à IFA se comprometem a desenvolver entre elas a solidariedade, a mais eficaz em todos os setores; a cooperar e coordenar qualquer iniciativa; de fornecer apoio regular à IFA e ao seu secretariado; a desenvolver, pelo mundo inteiro, a ação anarquista. Cada federação é autônoma em sua propaganda e seu desenvolvimento.

Adesões e demissões

Para aderir à IFA, uma federação deve

Reconhecer-se em seu pacto associativo e sua ação definida nos congressos. Apresentar sua candidatura de adesão ao secretariado que se compromete a comunicar a todos os membros da IFA. Na ausência de oposição, das federações aderente, feita no espaço de 6 meses, a adesão entra em vigor imediatamente. Será ratificada, por unanimidade, num próximo congresso. Em caso de oposição, só o congresso pode reconsiderar o pedido de adesão.

A adesão implica o pagamento de uma subscrição, pagamento determinado pelo Congresso.

A IFA deseja a existência de uma só federação anarquista por país, mas, não reconhecendo a geografia política impostas pelos Estados, aceita a formação de outras federações no interior de um mesmo território, caso a federação já aderente não entregasse uma oposição.

IFA aceita adesão de federações plurinacionais, buscando assim, desenvolver, dentro de áreas geográficas e /ou linguísticas contíguas, a prática do internacionalismo anarquista.

No caso de constatação, pelo secretariado, de ausência de atividade contínua e confirmada por uma federação membro da IFA, este se compromete a informar todos os membros da IFA. Na ausência de oposição de federações aderentes, feita no espaço de 6 meses, a demissão será considerada efetiva. Será ratificada, por unanimidade, pelo próximo congresso.

Em caso de oposição, só o congresso pode reconsiderar esta demissão.

Nos casos que se observa retomada da atividade, esta federação pode solicitar sua candidatura para IFA, em conformidade com o pacto associativo. Na ausência de organização federada ao nível nacional, pode-se juntar a IFA também grupos que se comprometem, dentro de seu território de referência, criar uma federação. Esta adesão só pode ser provisória, as federações da IFA reservam-se o direito, no prazo do congressos, a reconsiderar a adesão, se ele ainda não conduziu à formação de uma federação. A nova federação deve solicitar a adesão a IFA.

Contatos internacionais

A IFA mantém relações cordiais com todo o movimento libertário mundial na luta contra todas as formas e estruturas de dominação (troca de informações, solidariedade, etc.) e pode convidar as delegações para assistir em seu trabalhos.

Os Congressos

A IFA se reúne em congresso pelo menos uma vez a cada 3 anos. O congresso decide a direção e as linhas de ação da IFA por unanimidade.

Um ano antes da reunião, uma reunião do secretariado, com as pessoas responsáveis pelas relações internacionais das diferentes federações, definirá o programa, a data e o lugar do congresso IFA.

O congresso delibera sobre as iniciativas da organização e confia a unanimidade, o secretariado da IFA, carregado de aplicar os mandatos do Congresso, a uma federação aderente e de nomear os seus membros.

O secretariado

O secretariado, além disso, tem a tarefa de cuidar dos relacionamentos com os responsáveis das relações internacionais dentro das diferentes federações aderentes, que se reunirão conjuntamente e/ou por zona geográfica, pelo menos a cada 6 meses. O secretariado representa a IFA e tem a tarefa de trabalhar a sua influência e seu desenvolvimento.

Além disso

Ele estimula contatos e os debates internos. Ele relata casos em que é necessário desenvolver a ajuda mútua internacional. Ele publica um boletim federal, ponto de referência, para a correspondência e o debate interno da organização. Ele trata da edição do material de propaganda, sobre as resoluções e as ações da IFA. Ele coleta e administra as contribuições que as federações fazem regularmente para o apoio da atividade da IFA. Ele relata suas atividades e a execução dos seu mandato. O secretariado apresenta a demissão diante o congresso.

Respeito do pacto associativo

O não respeito dos compromissos materiais e éticas anterior, constiua um desafio, de facto, a adesão à IFA que será ratificada pelo próximo congresso.

Modificação do pacto associativo

Qualquer proposta de modificação deste acordo associativo deve ser levado ao conhecimento de todas as federações aderentes, pelo menos 1 ano antes do congresso que a irá examinar.

Mulher tem que ser bonita até fazendo cocô

O relato abaixo foi publicado em 2013, quando eu ainda estava grávida do meu filho mais novo.

****

"Mulher tem que ser bonita até fazendo cocô".

Eu cresci ouvindo isso.

Só que eu não era bonita. Eu não era bonita para o mundo fora da minha casa, porque, salvo alterações cosméticas drásticas, eu jamais seria a loira peituda e magrinha que é o padrão de beleza atual (loira 'do cu rosa' como dizem os mais asquerosos); e eu não era bonita para o mundo de dentro da minha casa, porque minha "beleza" dependia do que eu fazia, do que eu falava, da forma como eu me comportava e pensava, do que eu vestia.

Com cerca de quatro anos, descobri no parquinho da escolinha que eu nunca seria o super-homem. Eu não podia ser o super-homem, porque eu era menina. Não foram os adultos que me disseram isso – foram as próprias crianças com quem eu brincava, chocadas ao riso com a minha falta de noção. Que feia eu era! A menina que queria ser o super-homem.

Pouco mais tarde, embora eu não saiba precisar o quanto, descobri que eu era ainda mais feia do que supunha. Minha mãe, horrorizada, com meu bilhete inocente nas mãos – "Ai loviu" dizia a cartinha – corrigiu primeiro o inglês, para depois corrigir a intenção. Não se mandavam bilhetes desse tipo para amiguinhas. Por que não, mamãe? Porque é feio. Ponto.

Eu era feia.

E, assim, eu tinha que compensar pela minha feiura. Eu tinha que agradar, da forma como pudesse. E na minha casa era difícil agradar. Adultos irascíveis normalmente não são fáceis de se agradar. O que agrada num dia pode desagradar no outro. O que rende ternura numa hora pode render uma surra na outra.

Logo aprendi que minha feiura transbordava para as minhas palavras, que eram ofensivas mesmo quando eu não queria que fossem. "Essa cantora ainda está viva?" Questionei, certa vez, curiosa sobre a voz que preenchia melodiosamente o silêncio do escritório. "O QUÊ?! O QUÊ?! REPETE!" Por sorte, o arroubo de violência foi contido antes de se tornar físico. Fugi para o quintal, confusa, aliviada por não ter apanhado e… com raiva da minha própria feiura, que não me permitia sequer perceber o quão feias eram as minhas palavras. Feia! Feia… Feia.

É que certos homens, que não têm grande apreço pelo gênero feminino como um todo e menos ainda por crianças, podem ser especialmente "exigentes" com suas filhas quando se sentem emasculados fora de casa (o que, claro, tende a acontecer com eles com uma certa frequência – basta uma fechada no trânsito, uma chefe mulher, não ser chefe, etc.). Impõem padrões de 'beleza' absurdos e punem com severidade qualquer feiura.

E muitas vezes as mulheres desses homens também se sentem muito feias. E, por isso, ao invés de defenderem suas filhas, assistem, passivas, ao espetáculo de violência, para depois abraçarem suas crias e pedirem compreensão para o pai que está passando por um momento difícil, pedirem para que ELAS se esforcem para evitar que esse tipo de coisa aconteça.

Por isso, feia, minha existência era pontuada por olhares de tigre, palavrões, adjetivos, puxões de orelha, tapas na mão, 'croques' na cabeça (batidas com as juntas dos dedos) e, claro, surras, normalmente na bunda, desde a clássica palmada até com as mais variadas ferramentas como cintos com arrebites de metal, pedaço de pau, fita métrica. Mas, claro, a minha feiura não terminou junto com a minha infância e logo eu já era grande o bastante para apanhar em saraivadas de tapas e pontapés que pareciam vir de todos os lados de uma só vez.

Aliás, feia, eu tinha que pedir desculpas depois de apanhar, por “me terem feito bater”, por ter precisado apanhar para aplacar minha feiura. Porque, apesar de às vezes parecer que era um alívio para quem me batia, que a pessoa estava procurando motivos para fazê-lo, superdesagradável TER QUE me bater. Se o faziam era porque eu causava isso.

Aprendi, pelo menos, a não sentir a minha raiva, guardá-la às sete chaves dentro de mim, para não ficar ainda mais feia (coisa feia, sentir raiva de quem te brutaliza pelo seu bem!).

Feia, esses eram os meus momentos de “verdade”. Porque o resto do tempo, quando eu não estava apanhando, era porque eu estava fingindo ser alguém que eu não era. Estava fingindo ser bonita. E sempre com o medo de ser descoberta, de a fraudulência da minha suposta beleza ser exposta… o que sempre acabava ocorrendo, claro.

Mas eu continuava tentando. Quem sabe um dia eu mesma acreditaria que era bonita. Eu era feia, então eu tinha que agradar. Mais do que agradar, eu não podia desagradar.

Me ensinaram a lutar, cerrar os punhos e bater, bater com força, com vontade, para ‘me defender’. Me ensinaram, na verdade, que essa era a melhor forma de resolver conflitos. Mas se eu era feia, se eu era “uma merda”, por ser criança, por ser filha, por ser adolescente, por ser eu, por ser feia… que direito tinha eu de me defender? Eu merecia o que fizessem comigo.

Eu sabia lutar, mas não me sentia digna de defesa – minha vida era uma série de castigos pela minha feiura e eu continuava feia, continuava merecendo ser castigada. Tentando suprir minha necessidade de luta, de justiça, buscava alívio em causas alheias, caçava moinhos, sempre chamada com escárnio de a “defensora dos os fracos e os oprimidos”. Tinha que lutar por alguém, já que não era capaz de lutar por mim mesma.

Minhas palavras eram assertivas; minha postura, confiante. Minhas histórias eram inventadas, minha agressividade montada, minha sexualidade exagerada. Para mim, para os outros. Tudo maquiagem para a minha feiura.

Eu era feia, não podia desagradar. Se mostravam interesse em mim, eu tinha que corresponder às expectativas. Foda-se que eu não estava a fim. Foda-se que eu não estava pronta. Quem sabe assim eu conseguiria um pouco de atenção, um pouco de notoriedade… e talvez isso se passasse por beleza por um segundo.

Eu era uma criança obviamente problemática, eles em geral eram

jovens adultos à procura de algo em que meter a pica. Algo, sim, porque mulher é coisa, não é gente. Especialmente meninas feias como a que eu era. E eu, que queria tanto ser bonita, fiquei ainda mais feia. Agora, além de feia, era suja. E a culpa era minha. Da minha feiura, da minha falta de vergonha. Ah, que vergonha eu tinha da minha falta de vergonha! De não conseguir parar. De não merecer ser tratada com respeito. Eu não queria aquilo, não tinha prazer, não tinha por quê… mas não conseguia não fazer. Eu precisava agradar. Eu não podia desagradar. Eu era feia.

E na minha escola, os que ficaram sabendo que a sapata feia já dava queriam que eu desse também para eles. E quando eu me neguei (nem sei como me neguei, acho que foi mais porque não tinha como nem onde aquilo acontecer), eles passaram a me atormentar diariamente. Me apalpavam sorrateiramente, me xingavam, tomavam minhas coisas, me humilhavam. Como é que eu ousava não dar para eles? Quem eu pensava que era? Eu, feia desse jeito? E não adiantava chamar para a briga, olha só – e eu não sabia resolver conflitos de outra forma. Os professores viam, todo mundo via, mas todo mundo achava merecido. Porque eu era feia, afinal. Eu merecia.

Até outro dia eles ainda passavam de carro pela minha casa de madrugada, gritando sobre a minha feiura – "vagabundaaaaaa!" Muito tempo depois, quando me deparei com um deles na rua, a reação foi bizarra: a pessoa me encarou ameaçadoramente, como se eu fosse uma criminosa, com toda a raiva e propriedade de quem encara alguém que lhe deve e se safou de pagar. Esse era o tamanho da minha feiura – ser cobrada por ela, com rancor, com ódio, cobrada a sentir vergonha dela, cobrada mesmo por quem já deveria ter se tocado de que se aproveitou dela e deveria dar graças a deus, aliás, de não ter sido preso ou pelo menos processado por isso. Mas a vergonha, a feiura, é só minha. Afinal, ninguém me amarrou, ninguém pôs uma arma na minha cabeça. Eu fui porque "quis".

Também foi essa a atitude do tiozinho X me que flagrou com alguns rapazes e quis me chantagear para que trepasse também com ele. Tiozinho, tipo, cinquentão por baixo. Surpreendendo a mim mesma, me defendi, calma e lucidamente, explicando que ele poderia contar para quem ele quisesse, porque eu contaria para todo mundo que ele tinha tentado me chantagear. Ele me deixou em paz… mas, anos mais tarde, quando me encontrou na rua, parou onde estava e ficou me fitando com ódio. Quem eu pensava que era, eu, menina sem-vergonha, menina feia, para enfrentá-lo assim? Essa era a medida da minha feiura. Um

estuprador se sentia no direito de me achacar.

Mas não foi só ele! Teve outra ocasião em que, ainda adolescente, eu estava de novo fazendo coisas feias na tentativa de deixar de ser feia (toda a minha vida era devotada a isso, afinal) e fui flagrada com um amigo adolescente por um adulto de uns trinta anos… que também quis tirar sua casquinha. O resultado, afortunadamente, foi o mesmo – consegui repelir o ataque com uma calma que assombrou até a mim. Este tornei a ver várias vezes, mas não me hostilizou.

Somente muitos anos mais tarde entendi que, em ambos os casos, havia me defendido com sucesso de tentativas de estupro. Eram homens adultos tentando se aproveitar da feiura de adolescentes. Fico me perguntando quantos adolescentes e crianças feios não acabam cedendo a esse tipo de pressão (“faz isso comigo senão eu conto para o seu pai que você… conto para todo mundo”). Fico me perguntando o que foi, dentro de mim, que me impeliu a lutar por mim a despeito da minha feiura, onde eu antes, tantas vezes, havia aceitado passivamente o que quer que me fizessem. Seria o fato de eu perceber uma gravidade incontestável na conduta daqueles homens (ainda que não me desse conta exatamente do quão grave ela era)? O fato de eu ver que eles eram ainda mais feios do que eu? Seria o blefe, o pagar para ver, a contrafobia? Seria eu querendo ser brava, querendo dizer para mim que era corajosa, para assim ficar mais bonita, menos feia? Me convencer de que, assim, todo o resto do que eu fazia era porque eu de fato queria? De que eu era feia, mas não tão feia assim, de que era feia, mas não era vítima?

Quando o homem com quem eu morava, meu então ‘cônjuge’, meu dito companheiro, avançou para cima de mim a murros e pontapés, só o que me vinha à mente, enquanto minha cabeça girava de um lado para o outro a cada golpe que eu recebia, paralisada, em choque, sem conseguir reagir, foi o primeiro homem que fez aquilo comigo, o primeiro homem que me mostrou o quanto eu era feia. E eu sentia que aquilo tudo, no fundo era culpa minha. Porque eu era feia. Eu tinha que ter provocado aquilo, era a única explicação.

Passando a mão no meu rosto feio, vi meu sangue de menina feia e pensei que nem mesmo papai havia me tirado sangue assim… senti os dedos dele apertando a minha garganta, caí no chão e vi, como se em câmera lenta, o pé dele vindo para me acertar no rosto, já caída, já rendida, rendida pela minha própria feiura, pela minha incapacidade de me defender. Naquele átimo de segundo, o bicho dentro de mim resolveu que não iria morrer ali. Não sei direito o que ela fez, mas eu escapei.

Tenho certeza de que devo minha vida a ela.

Arrastei pelo que pareciam milhares de quilômetros uma mala de mais de cinquenta quilos, humilhada, batida, machucada, feia, as pessoas desviando de mim, até que um taxista parou e, sem falar uma palavra, pegou a minha mala, colocou no carro, abriu a porta para eu entrar e me disse que eu entrasse, porque ele me levaria até onde eu quisesse ir. Eu fiquei com medo, confesso. Disse que era feia, mesmo sem usar essas palavras. Disse que não tinha como pagar. Ele me disse que ele tinha uma filha e que nunca iria querer pensar que alguém passou assim por ela nesse estado (nesse estado!) sem parar para ajudar. Os olhos dele eram límpidos, sinceros.

E aquilo me doeu… mais do que a surra que eu havia tomado. Aquele era um pai, um pai que não me julgou, que não me bateu, que estava mais preocupado comigo que com a minha feiura. Ele me ajudou a despeito dela. Era quase como se eu não fosse feia de verdade, como se fosse tudo coisa da minha cabeça. E de repente cada tapa, cada surra, cada dor minha de tantos anos me veio de uma só vez. Eu tinha que ser feia. Eu tinha. Senão… eu não teria merecido nada daquilo. E o horror de ser tratada daquela forma sem merecer era demais para mim. Pelo menos naquele momento.

E mais tarde me descobri grávida do homem que me bateu. E abortei aquele filho. Não porque fosse dele. Mas porque era meu. Porque eu era feia e qualquer coisa que saísse de mim seria feia também. E eu conhecia a dor de ser feia. Não queria isso para mais ninguém.

Muitos anos se passaram e um belo dia eu, que quase nunca havia sequer pegado uma criança no colo, comecei a ter uma vontade estranha de ter filhos. Essa vontade não era só minha, não era só para mim. Eu agora conhecia e amava uma pessoa muito, muito especial, e a ideia de fazer uma criança de nós dois era linda. Linda. Tão linda que eu até me esqueci do quanto eu era feia.

Comecei a ver as crianças ao meu redor e a forma como elas eram tratadas, comecei a lembrar de mim e de como eu me sentia ao ser tratada daquela forma, de como era ser uma criança feia. Percebi que havia uma distância imensa entre o que os pais achavam que estavam fazendo com seus filhos e a percepção dos filhos em relação ao que seus pais estavam fazendo com eles. E que isso era algo muito, muito estranho, já que todos os pais um dia com certeza já haviam sido filhos, ainda que sem pais.

E decidi fazer diferente. E comecei a ler e me informar e aprender. E no curso desse estudo, revisitei a menina feia dentro de mim. E voltei para

aquele momento, dentro daquele táxi, em que meu mundo, todo apoiado no pilar da minha feiura, quase ruiu. Naquela ocasião, eu não tinha condições de chutar aquela merda e ver aquilo tudo vir abaixo, foda-se o resultado. Mas agora eu tinha. Eu tinha apoio, eu tinha amor, mas acima de tudo eu tinha uma criança que merecia e merece e esse esforço.

E foi daí que eu abri a porta para a “menininha batida e pisada que não sai da cozinha” que estava dentro de mim. E nós choramos juntas e abraçadas por muito tempo, como ainda continuamos a chorar, livremente, essa nossa história feia de como nos descobrimos belas. E contamos uma para outra de cada tapa, cada puxão de orelha, cada cintada, cada xingo, cada dor. Cada suspiro preso no peito, cada raiva guardada, cada rancor. E assim vamos nos curando, no sal das nossas lágrimas, no calor do nosso amor.

Enquanto saímos para brincar com nossa filha. Que nunca, jamais, será feia. Não para mim. E, espero, não para ela mesma.

Quando uma sociedade é desigual, seu Estado é violento, se mantém uma enorme exploração e opressão contra pessoas, até no nascimento isso acontece: violência obstétrica é real e tem causado enormes danos a saúde de muitas pessoas!

Una-se para construir uma sociedade justa onde o atendimento seja digno e humano para todas pessoas!

anarkio.net

fenikso@riseup.net

CONTRA O
TOTALITARISMO,
PATRIARCADO,
CAPITALISMO,
MACHISMO,
A LUTA
É TODO
DIA!
anarkio.net
Danças das Idéias
LSOC
BO
Boletim Operário
A.T.B
fenikso@riseup.net

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net